

Novembro de 2015

## Projeto de Pesquisa de Pós-Doutorado

### **O agostinianismo da relação entre fé e razão nos *Opuscula Sacra* de Boécio**

Candidato: Fabrício Klain Cristofolletti

Supervisor: Prof. Dr. Lorenzo Mammì (Universidade de São Paulo)

Instituição Sede: Universidade de São Paulo (USP); Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH); Programa de Pós-Doutorado do Departamento de Filosofia.

Resumo: Trata-se de uma pesquisa de Pós-Doutorado cujo objetivo é verificar se há nos *Opuscula sacra* de Boécio certo agostinianismo, isto é, uma recepção direta e um desenvolvimento fiel de teses agostinianas, haja vista que Boécio menciona no *Quomodo Trinitas* que leu Agostinho. A hipótese é de que, quanto à relação entre fé e razão, Boécio se mantém no método agostiniano do *De Trinitate*, inclusive no que já foi chamado de misticismo e de caráter desinteressado das suas tentativas de compreensão do mistério da fé cristã. Além disso, espera-se provar que há certo agostinianismo nos *Opuscula sacra* de Boécio porque, em ambos os autores, a fé não é apenas um ponto de partida para o exercício especulativo, mas a base bíblica e, antes de tudo, o fundamento histórico-profético para a correta inquirição racional dos mistérios da religião.

November 2015

## Post-Doctorate Research Project

### **The Augustinianism of the Relation between Faith and Reason in Boethius' *Opuscula Sacra***

Candidate: Fabrício Klain Cristofolletti

Supervisor: PhD. Prof. Lorenzo Mammì (University of São Paulo)

Sea Institution: University of São Paulo (USP); Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences (FFLCH); Post-Doctorate Program of Department of Philosophy.

Abstract: This is a Post-Doctoral research whose goal is to verify if there is in Boethius' *Opuscula sacra* some Augustinianism, i.e., a direct reception and a faithful development of Augustinian theses, considering that Boethius mentions in *Quomodo Trinitas* he read Augustine. The hypothesis is that, on the relation between faith and reason, Boethius remains in the Augustinian method of *De Trinitate*, including what has been called mysticism and disinterested character of his attempts to understand the mystery of the Christian faith. Moreover, we expect to prove that there is some Augustinianism in Boethius' *Opuscula sacra* because in both authors, faith is not only a starting point for speculative exercise, but the biblical basis and, above all, the historic and prophetic foundation for the correct rational investigation of the religion's mysteries.

## 1 Definição e objetivos gerais

Trata-se de um Projeto de Pós-Doutorado em Filosofia que visa contribuir, em primeiro lugar, para o avanço de pesquisas acerca da relação entre a história da filosofia patrística latina e a histórica da filosofia medieval, já que o tema do agostinianismo da relação entre fé e razão nos *Opuscula sacra* de Boécio é um dos principais pontos de conexão entre a filosofia da Antiguidade Tardia e aquela da Idade Média, embora tal assunto tenha sido pouco estudado, como se pretende mostrar na Seção 3.

Em segundo lugar, também é um objetivo do Projeto fortalecer as pesquisas e as atividades acadêmicas do Centro de Estudos de Filosofia Patrística e Medieval (CEPAME), sediado no Departamento de Filosofia (Dep. Fil.) da FFLCH-USP.<sup>1</sup> Esse grupo de pesquisa é dotado em parte de especialistas na filosofia agostiniana, a saber, Prof. Dr. Moacyr Ayres Novaes Filho (USP), Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristiane Negreiros Abbud Ayoub (Universidade Federal do ABC) e o próprio Prof. Dr. Lorenzo Mammì, além de seus respectivos doutorandos, mestrandos e orientandos que atualmente estudam o pensamento agostiniano.

Em terceiro lugar, pretende-se expandir por meio de eventos a discussão acadêmica acerca do tema escolhido.

## 2 Pertinência e viabilidade

O Projeto é um desdobramento natural e coerente da linha de pesquisa de nossa Tese de Doutorado desenvolvida entre 2010 e 2015 no Dep. Fil. da FFLCH-USP, sob a orientação do Prof. Lorenzo Mammì, cuja temática central foi o fundamento filosófico-religioso proposto por Agostinho.<sup>2</sup> Por conseguinte, pesquisar o agostinianismo do pensamento filosófico e religioso de Boécio, sobretudo a relação entre fé e razão, permitirá a continuidade da discussão temática e da interação acadêmica iniciada com os membros do CEPAME.

Além disso, trata-se de uma pesquisa viável porque o Programa de Pós-Doutorado do Dep. Fil. pode disponibilizar, além de ótima infraestrutura geral, os serviços da Biblioteca da

---

<sup>1</sup> Conferir o website: <http://cepame.fflch.usp.br/> (acessado em 01/11/2015).

<sup>2</sup> CRISTOFOLETTI, F. K. *História e profecia como fundamento filosófico-religioso em Agostinho, presbítero de Hipona*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015 (Tese de Doutorado em Filosofia). A tese foi financiada pela Coordenação para o Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), inclusive o período “sanduíche” em Paris, sob a co-orientação do Prof. Olivier Boulnois (École Pratique des Hautes Études, Laboratoire d'Études sur les Monothéismes).

FFLCH relativos à rede internacional de comunicação entre bibliotecas, bem como amplo acesso a seu volumoso acervo na área de interesse.

### 3 Questão e objeto de pesquisa

Quando Trapè apresentou em 1980 a comunicação “Boezio teologo e sant'Agostino”, publicada em 1981<sup>3</sup>, ele já sinalizava que a conexão entre as reflexões sobre Deus realizadas por Aurélio Agostinho, bispo de Hipona (354-430 d.C.) e por Anício Mânlio Severino Boécio (475/7-526? d.C.) exigiam um estudo que fosse mais amplo do que o seu, não somente quanto à parte “conceitual”, mas também quanto ao “confronto textual”, principalmente a respeito de quatro tópicos: “pesquisa teológica”, “doutrina trinitária”, “doutrina cristológica” e “doutrina da graça”.

De fato, apenas o primeiro tópico já implicaria um amplo estudo sobre os conceitos metodológicos de “fé” (*fides*) e de “razão” (*ratio*) presentes no tratado agostiniano *De Trinitate*<sup>4</sup>, que Boécio leu<sup>5</sup>, e nos seus *Opuscula sacra*<sup>6</sup>. Segundo Trapè, Boécio sustenta que a razão só poderá entender o objeto da fé se essa última for, de fato, assumida como ponto de

<sup>3</sup> TRAPÈ, A. Boezio teologo e sant'Agostino. In: ATTI del Congresso Internazionale di Studi Boeziani, Pavia, 5-8 ottobre 1980, a cura di Luca Obertello. Roma: Herder, 1981, páginas 15-25.

<sup>4</sup> Agostinho de Hipona (354-430 d.C.) começou a escrever o longo *De Trinitate*, que contém quinze livros, aparentemente em 399 e o finalizou em 420 ou 421, cf.: SCIACCA, M. F.; TRAPÈ, A. Introduzione. In: SANT'AGOSTINO. *La Trinità*. 2ª ed. Roma: Città Nuova, 1987[c1973], p. XVIII.

<sup>5</sup> Boécio menciona no parágrafo 13 do Proêmio do *Quomodo Trinitas unus Deus ac non tres Dii* as “sementes de razões do escrito do beato Agostinho” (*beati Augustini scriptis semina rationum*), o que obviamente é uma alusão ao famoso *De Trinitate* de Agostinho. Sabe-se que o *Quomodo Trinitas* e os outros quatro “*opuscula sacra*” (*Utrum Pater et Filius et Spiritus Sanctus de diuinitate substantialiter praedicentur; Quomodo substantiae in eo quod sint bonae sint cum non sint substantialia bona* – também chamado *De hebdomadibus; De fide catholica; Contra Eutychem et Nestorium*) eram considerados obras incertas de Boécio, como se pode ver pela edição de Rudolph Peiper: BOETIUS, A. M. S. *Philosophiae consolationis libri quinque accedunt eiusdem atque incertorum opuscula sacra*. Leipzig: Teubner, 1871 (Edição de Rudolph Peiper). Segundo H. F. Rand e E. K. Stewart, essa consideração foi invertida por Hermann Usener com base na descoberta de Alfred Holder de um fragmento de Cassiodoro (cerca de 485 – c. 585 d.C.) que atribui a Boécio “um livro sobre a santa Trindade, certos capítulos dogmáticos e um livro contra Nestório” (*librum de sancta trinitate et capita quaedam dogmatica et librum contra Nestorium*”), cf.: RAND, H. F.; STEWART, E. K. Introduction. In: BOETHIUS. *The Theological Tractates*. London: W. Heinemann; New York: G.P. Putnam's Sons, 1918, p. IX-XIV, especialmente p. XI. Os cinco *Opuscula sacra* foram vertidos ao português por Juvenal Savian Filho, com os seguintes títulos: *A Santa Trindade; Se “Pai” e “Filho” e “Espírito Santo” predicam-se substancialmente da Divindade; Como as substâncias, nisto que elas são, são boas, embora não sejam bens substanciais (Septenários); A fé católica; Contra Êutiques e Nestório*, cf.: BOÉCIO. *Escritos*. São Paulo: Martins Fontes, c2005 (tradução, notas e introdução de J. Savian Filho, com o texto latino da edição crítica dos *Opuscula* preparada por Claudio Moreschini e publicada no ano 2000, pela Editora K. G. Saur, de Leipzig e Munique (Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana).

<sup>6</sup> Conferir a nota anterior.

partida, o que é demonstrado pelo comentador principalmente pela seguinte frase do *Utrum Pater*: “[...] aqui, julgo que a via de inquirição deve ser tomada de onde consta manifesto o início de todas as coisas, isto é, dos próprios fundamentos da fé católica.”<sup>7</sup> Para Trapè, esse método boeciano é uma continuação do agostiniano, porquanto Agostinho havia escrito que a crença na Trindade é a sua própria fé (*mea fides*) “na medida em que esta é a fé católica” (*quando haec est catholica fides; De Trinitate*, I, iv, 7), sustentáculo que o direciona a “conhecer tais coisas dissertando com piedade” (*ea cum pietate disserendo cognoscere; De Trinitate*, I, v, 8). Além disso, a influência de Agostinho estaria presente, segundo Trapè, em outras três características do método dos *Opuscula sacra*, a saber, a “aplicação da inquirição racional na fé” (e, sobretudo, nas “aparentes contradições”), o “sentido do mistério” (pelo qual, em virtude da “transcendência divina”, nunca se deve “abandonar” a fé<sup>8</sup>) e o “desinteresse”<sup>9</sup>. Por fim, Trapè ainda vê certo “misticismo” agostiniano no método dos *Opuscula sacra*, marcados pelo reconhecimento tanto da necessidade da graça divina quanto da utilidade da oração.<sup>10</sup>

Todas essas características do método de Agostinho estão presentes resumidamente, segundo Trapè, nos parágrafos 7 e 8 do primeiro livro do *De Trinitate*, na medida em que o

<sup>7</sup> *Utrum Pater*, 1 (tradução nossa). “[...] uiamque indaginis hinc arbitror esse sumendam, unde rerum omnium manifestum constat exordium, id est ab ipsis catholicae fidei fundamentis.” (BOÉCIO. *Escritos*. São Paulo: Martins Fontes, c2005, p. 307). Trapè frisa que a fé é o ponto de partida citando uma das últimas frases do *Contra Eutychem et Nestorium* (770), onde Boécio diz: “Essas são as coisas que expus a ti segundo a crença da minha fé.” (Tradução nossa). “*Haec sunt quae ad te de fidei meae credulitate digessi.*” (BOÉCIO, c2005, p. 299). Todas as traduções de citações latinas ou de línguas modernas para o português são de minha autoria e responsabilidade, salvo menção explícita em contrário.

<sup>8</sup> Para comprovar essa característica, Trapè arrola esta citação: “Se essas coisas estão corretas e de acordo com a fé, peço que me faça saber, ou se talvez tu és divergente em alguma coisa, considera de modo mais diligente aquelas coisas que foram ditas e, se for possível, conjuga a fé e a razão.” (*Utrum Pater*, 64-5). “*Haec si se recte et ex fide habent, ut me instruas peto; aut si aliqua re forte diuersus es, diligentius intuerere quae dicta sunt et fidem, si poterit, rationemque coniunge.*” (BOÉCIO, c2005, p. 309).

<sup>9</sup> Segundo Trapè, o “*disinteresse*” de Boécio pela fama se verifica porque sua finalidade é a “verdade amada e buscada por si mesma” (*verità amata e cercata per se stessa*), e porque é exatamente isso que se deduz da seguinte frase: “Não somos estimulados pela jactância da fama e pelos inanes clamores do vulgo; mas se há algum fruto exterior, aqui não se pode esperar outra coisa senão semelhante pensamento acerca da matéria [em questão].” (*Quomodo Trinitas*, Proemium). “*Neque enim famae iactatione et inanibus uulgi clamoribus excitamur, sed, si quis est fructus exterior, hic non potest aliam nisi materiae similem sperare sententiam.*” (BOÉCIO, c2005, p. 311).

<sup>10</sup> Trapè cita como prova do “*misticismo*” de Boécio esta passagem: “Porque, se ao pensamento mais firme em virtude dos fundamentos da fé espontaneamente apresentamos, com a graça divina ajudando, idôneos auxílios argumentativos, a alegria da obra feita retornará para lá, donde veio o efeito [da graça]. Porque, se a humanidade não pode ascender além de si mesma, as orações complementarão o que a debilidade subtrai.” (*Quomodo Trinitas*, vi). “*Quod si, sententiae fidei fundamentis sponte firmissimae, opitulante gratia diuina, idonea argumentorum adiumenta praestitimus, illuc perfecti operis laetitia remeabit unde uenit effectus. Quod si ultra se humanitas nequiuit ascendere, quantum imbecillitas subtrahit uota supplebunt.*” (BOÉCIO, c2005, p. 322).

ponto de partida é uma “profissão de fé” trinitária<sup>11</sup>, cujas “dificuldades” exigem o exercício da razão<sup>12</sup> e o “amor à verdade por si mesma”<sup>13</sup>, embora a razão seja levada a admitir que o conteúdo da fé trinitária é um profundo “mistério”<sup>14</sup>, relançando assim sobre a “ciência da fé” um novo movimento da razão<sup>15</sup>, mas sempre subordinando tal ciência às “ascensões místicas” e à “caridade” e graça de Deus<sup>16</sup>.

<sup>11</sup> A “*professione di fede*” a que se refere Trapè condiz, de fato, com todo o parágrafo 7, cujo início postula que a fé trinitária deve estar alicerçada nos “intérpretes católicos dos antigos e novos *Livros Divinos*” (*diuinorum Librorum ueterum et nouorum catholici tractatores; De Trinitate*, iv, 7), e cujo fecho é uma fundamentação histórico-profética da tese trinitária, isto é, uma justificação por meio das manifestações proféticas e históricas da Trindade no tempo, sobretudo quando Agostinho cita parcialmente as palavras de Deus Pai durante o batismo de Jesus, “Tu és o meu Filho” (“*Tu es Filius meus*”; cf. *Evangelho segundo Mateus*, 3:17; *Evangelho segundo Lucas*, 3:22), de modo a fazer coincidir com as palavras proféticas do Salmo 2 (7), “*Filius meus es tu*” (BIBLIORUM Sacrorum Latinae Versiones Antiquae, seu Vetus Italica, et caeterae quaecumque in Codicibus mss. & antiquorum libris reperiri potuerunt, quae cum Vulgata Latina, & cum Textu Graecu comparantur. Reims: R. Florentain, 1743, vol. II, p. 11 [Obra e estudo de Pièrre Sabatier]). Antes do *De Trinitate*, Agostinho já havia proposto uma fundamentação histórico-profética da Trindade no tratado *De uera religione*, bem como nos sermões e nos comentários aos Salmos do presbiterado de Agostinho (391-396), como se pretendeu demonstrar em nossa tese: CRISTOFOLETTI, 2015. Aqui está um dos principais motivos pelos quais este Projeto de Pós-Doutorado se configura como um desdobramento natural da linha de pesquisa da nossa Tese de Doutorado.

<sup>12</sup> As “*difficoltà*” lembradas por Trapè são, de fato, aquelas enunciadas por Agostinho no parágrafo 8, onde se lê que “alguns se perturbam” (*nonnulli perturbantur*) a respeito de Deus Pai, Filho e Espírito Santo, os quais, embora sejam uma Trindade, “não são três deuses” (*non tres deos*), mas “um único Deus” (*unus Deus*), pois, como já estava indicado no parágrafo 7, “são inseparáveis” (*inseparabiles sunt*), de modo que “operem inseparavelmente” (*inseparabiliter operentur*). São essas dificuldades acerca da Trindade, porém, que levam ao exercício da razão, pois aqueles que se perturbam “perguntam de que modo devem entender isso” (*quemadmodum id intellegant quaerunt; De Trinitate*, I, v, 8).

<sup>13</sup> Quando Trapè destaca o “*amore della verità per se stessa*”, sua fonte textual é o parágrafo 8: “[...] somos tomados pelo amor de indagar a verdade [...]” (*De Trinitate*, I, v, 8). “[...] *rapimur amore indagandae ueritatis* [...]” (SANT’AGOSTINO, 1987[c1973], p. 18).

<sup>14</sup> Trapè parece usar a palavra “*mistero*” porque, segundo Agostinho, entender a Trindade é, sobretudo, um prêmio que se recebe após a ressurreição, já que este toma para si o que escreveu Paulo na *Epístola aos Filipenses* sobre “conhecer” (*cognoscere*) Cristo e a “ressurreição” (*resurrectio*): “‘Não que eu já tenha alcançado ou já seja perfeito’ [*Fl.*, 3:12], (pois se o apóstolo Paulo disse isso, quanto mais eu ‘não julgo que apreendi’ [*Fl.*, 3:12], eu que estou longe e abaixo dos seus pés?), mas, conforme a minha capacidade, [...] ‘persigo a palma da vocação superior’ [*Fl.*, 3:14] [...]” (*De Trinitate*, I, v, 8). “Non quia iam acceperim aut iam perfectus sim (*nam si Paulus apostolus, quanto magis ego longe infra illius pedes iacens, non me arbitror apprehendisse?*), sed pro modulo meo [...] sequor ad palmam supernae uocationis [...]” (SANT’AGOSTINO, 1987[c1973], p. 18). Para as diversas traduções latinas dessa passagem paulina, cf.: BIBLIORUM Sacrorum Latinae Versiones Antiquae, seu Vetus Italica, et caeterae quaecumque in Codicibus mss. & antiquorum libris reperiri potuerunt, quae cum Vulgata Latina, & cum Textu Graecu comparantur. Paris: F. Didot, 1751, vol. III, p. 822-3 (Obra e estudo de Pièrre Sabatier).

<sup>15</sup> Com “*scienza della fede*”, Trapè parece se referir não somente ao ato de compreender, ainda que imperfeitamente, a fé trinitária, mas também ao ato consecutivo que “continua a buscar o que encontrou” (*continua a cercare ciò che ha trovato*), cuja base textual seria a última frase do parágrafo 8: “Portanto, assumi essas coisas com a ordem e o auxílio do Senhor, nosso Deus, não tanto para dissertar com autoridade sobre as conhecidas quanto para, dissertando com piedade, conhecê-las.” (*De Trinitate*, I, v, 8). “*Ergo suscepi haec iubente atque adiuuante Domino Deo nostro, non tam cognita cum auctoritate disserere, quam ea cum pietate disserendo cognoscere.*” (SANT’AGOSTINO, 1987[c1973], p. 18).

<sup>16</sup> Trapè diz que Agostinho “subordina constantemente essa ciência [da fé] à caridade e às ascensões místicas” (*subordina costantemente questa scienza alla carità e alle ascensioni mistiche*) porque em algumas frases do parágrafo 8 o amor e a graça de Deus aparecem como condição necessária para a

Contudo, Trapè sustenta que o método boeciano seria “reduutivo” (*riduttivo*) em comparação ao agostiniano, na medida em que o primeiro estaria limitado à “teologia especulativa” (*teologia speculativa*), e a “só um aspecto” (*solo un aspetto*), às relações trinitárias, enquanto que o método de Agostinho já teria abarcado “a bíblica e a mística” (*quella biblica e quella mistica*). Todavia, Trapè não considera tal redução um demérito, mas um aprofundamento que produziu certo “*contributo*”.

Como se sabe, Trapè não atribuía a Boécio o opúsculo *De fide catholica*, pois sua autenticidade era “ainda discutida” (*ancora discussa*) na época (hoje não mais, como se pode ver pelas edições mais recentes), e talvez por isso Trapè tenha dito não existir nos *Opuscula sacra* um desenvolvimento metodológico da explicação das *Escrituras*, tampouco da mística.

Seja como for, é patente a necessidade de uma inquirição não somente a respeito do agostinianismo do método de Boécio no *De fide catholica*, mas também de uma maior investigação sobre o agostinianismo metodológico nos demais *opuscula sacra*, de modo a decidir se as teses de Trapè devem ser acatadas ou não, o que parece não ter sido realizado pelos estudos mais recentes<sup>17</sup>. Eis a questão geral, portanto, da pesquisa de Pós-Doutorado que se pretende realizar.

Como consequência, assumindo todos os *opuscula sacra* de Boécio e o *De Trinitate* de Agostinho como *corpus* textual, ou seja, como objeto de pesquisa, é possível dividir metodologicamente a questão em outras cinco:

---

reflexão trinitária, “Deus concederá” (*donabit Deus*), “com o auxílio do Senhor” (*adiuuante Domino*), os quais são ecos do parágrafo 4 e 5, onde se lê que, *adiuuante Domino*, “se Deus quiser e ajudar” (*si uoluerit et adiuuerit Deus*; *De Trinitate*, I, ii, 4), “com parecer pio e seguro” (*placitum pium atque tutum*; *De Trinitate*, I, iii, 5) pode-se encontrar algo “de verdadeiro” (*ueris*), enquanto que o falso pode ser desmascarado “por ocultas inspirações e admoestações” (*per occultas inspirationes atque admonitiones*) ou por outros meios, como a oração: “Peço isso e ofereço essa minha entrega e esse meu desejo para o mesmo que, para mim, é satisfatoriamente idôneo para proteger o que doou e para dar o que ‘prometeu’ [Epístola aos Romanos, 4:21].” (*De Trinitate*, I, iii, 5). “*Hoc oro et hoc depositum desideriumque meum penes ipsum habeo, qui mihi satis idoneus est et custodire quae dedit et reddere quae promisit.*” (SANT’AGOSTINO, 1987[c1973], p. 14).

<sup>17</sup> Foi possível consultar: OBERTELLO, L. *Boezio e dintorni. Ricerche sulla cultura altomedievale*. Florença: Nardini, c1989; MERLE, H. Introduction générale. In: BOËCE. *Cours traités de théologie. Opuscula sacra*. Paris: Cerf, 1991, pp. 11-21; FOLLON, J. Pérennité de Boèce, philosophe et théologien, *Revue Philosophique de Louvain*, Louvain, 1992, Editions de l’Institut Supérieur de Philosophie, t. 90, n° 86, pp. 192-205; MILANI, M. *Boezio. L’ultimo degli antichi*. Milão: Camunia, c1994; LLUCH-BAIXAULI, M. *Boezio. La ragione teologica*. Milão: Jaca Book, c1997; TISSERAND, A. Introduction. In: BOËCE. *Traité théologiques*. Paris: Flammarion, c2000, pp. 7-60; MARENBNON, J. *Boethius*. New York: Oxford University Press, c2003; SAVIAN FILHO, J. Introdução. In: BOÉCIO. *Escritos*. São Paulo: Martins Fontes, c2005, pp. 3-148; TISSERAND, A. *Pars theologica: logique et théologique chez Boèce*. Paris: Vrin, 2008; BRADSHAW, D. *The Opuscula sacra: Boethius and theology*. In: MARENBNON, J. (ed.). *The Cambridge Companion to Boethius*. New York: Cambridge University Press, 2009, pp. 106-128.

1 – Quais são as minúcias do agostinianismo de Boécio quanto à relação entre fé e razão?

2 – Quais são os pormenores ou as lacunas do agostinianismo metodológico da noção boeciana de mistério?

3 – Em que consiste exatamente o agostinianismo do chamado “desinteresse” de Boécio, bem como sua relação com a conjugação da razão com a fé?

4 – Quais são as aproximações ou os distanciamentos entre o “misticismo” de Agostinho e o de Boécio, bem como sua relação com as questões anteriores?

5 – Boécio considera o aspecto bíblico quando pensa a relação entre fé e razão, como parece ocorrer em Agostinho?

#### 4 Hipótese de pesquisa

A princípio, parece possível demonstrar textualmente que a relação entre fé e razão nos *Opuscula sacra* de Boécio está profundamente arraigada àquela que já havia sido proposta por Agostinho no *De Trinitate*, incluindo a mística e o entendimento de que Deus é um profundo mistério cuja fé é a base não somente especulativa, ao contrário do que pensou Trapè<sup>18</sup>, mas também bíblica e, antes disso, profético-histórica, em prol da compreensão propriamente racional acerca de Deus. Talvez isso possa ser comprovado principalmente pelo *De fide catholica*, opúsculo que pode ser tomado como o alicerce das reflexões trinitárias e cristológicas de Boécio. Essa hipótese será considerada, portanto, primária, já que colocará em movimento a pesquisa.

Eis alguns motivos para a adesão a essa hipótese.

Em primeiro lugar, como é mais provável que o *De fide catholica* tenha sido o primeiro opúsculo escrito por Boécio, cuja data de composição é provavelmente anterior ao ano 512<sup>19</sup>, a noção boeciana de fé não pode ser, como pensou Trapè, apenas um ponto de partida para a inquirição racional, para a especulação. No *De fide catholica*, a própria fé possui um ponto de partida, que é bíblico, e antes disso profético-histórico<sup>20</sup>, na medida em

<sup>18</sup> Cf. *supra*, pp. 4-5, sobre o que Trapè chama de “*teologia especulativa*”.

<sup>19</sup> MERLE, 1991, p. 13; SAVIAN FILHO, c2005, p. 10.

<sup>20</sup> Aqui o termo “profético” se refere, em sentido primeiro e estrito, apenas à profecia como ação pontual e individual de um profeta no momento temporal e histórico em que profetiza. Esse sentido primeiro é

que a profecia do advento do Cristo, do ungido por Deus que devia vir para salvar o seu povo, confirma-se como realizada historicamente pelo fato da expansão mundial dessa mesma fé cristã, já que tal propagação só poderia ocorrer em virtude do caráter divino e salvífico de Jesus:

A autoridade do *Novo Testamento* e do *Antigo* ostenta a fé cristã, mas, embora o *Antigo Testamento* tenha contido dentro de si o próprio nome de Cristo e tenha sempre sinalizado que o mesmo viria, o qual cremos já ter vindo pelo parto da Virgem, todavia se comprova que isso se espalhou pela orbe terrestre pelo mesmo advento milagroso do nosso Salvador.<sup>21</sup>

Ora, essa fundamentação histórica e profética da fé cristã por meio das *Escrituras* já estava estabelecida por Agostinho no tratado *De uera religione*<sup>22</sup> e em obras do seu presbiterado, segundo a nossa tese de Doutorado<sup>23</sup>. Mas como se sabe apenas que Boécio leu o *De Trinitate*, é nele que se deve pesquisar, porém, os possíveis indícios do agostinianismo da fundamentação não somente bíblica, mas também histórico-profética<sup>24</sup>, indicada por Boécio.

O primeiro vestígio do agostinianismo da fundamentação boeciana da fé cristã é a crença na autoridade principalmente profética do *Antigo Testamento* e na autoridade histórica do *Novo Testamento*, já que Agostinho diz no primeiro livro do *De Trinitate* que existem “[...] muitas passagens nos *Livros Santos* sobre a encarnação do Verbo de Deus, a qual se

diferente, portanto, do significado mais amplo de “profético”, que é tudo o que se refere à profecia não somente como ato do profeta, mas também como narrativa recebida por transmissão oral ou escrita.

<sup>21</sup> Boécio, *De fide catholica*, 1-5. “*Christianam fidem noui ac ueteris testamenti pandit auctoritas; et quamuis nomen ipsum Christi uetus intra semet continuerit instrumentum eumque semper signauerit affuturum quem credimus per partum uirginis iam uenisse, tamen in orbem terrarum ab ipsius nostri saluatoris mirabili manasse probatur aduentu.*” (BOÉCIO, c2005, p. 269). O argumento da expansão da igreja é utilizado por Boécio também no *Quomodo Trinitas*: “Muitos usurpam a reverência da religião cristã, mas essa fé vale maximamente e somente com os preceitos das regras universais, pelos quais se entende a autoridade dessa mesma religião, e, porque seu culto se espalhou por quase todos os confins do mundo, é chamada de católica ou universal.” (*Quomodo Trinitas*, i). “*Christianae religionis reuerentiam plures usurpant, sed ea fides pollet maxime ac solitarie quae cum propter uniuersalium praecepta regularum, quibus eiusdem religionis intellegatur auctoritas, tum propterea, quod eius cultus per omnes paene mundi terminos emanauit, catholica uel uniuersalis uocatur.*” (BOÉCIO, c2005, p. 312).

<sup>22</sup> “O fundamento dessa religião a ser seguida é a história e a profecia da distribuição temporal da providência divina para a salvação do gênero humano a ser reformado e reparado na vida eterna.” (Agostinho, *De uera religione*, vii, 13). “*Huius religionis sectandae caput est historia et prophetia dispensationis temporalis diuinae prouidentiae, pro salute generis humani in aeternam uitam reformandi atque reparandi.*” (SANT’AGOSTINO. *La uera religione*, VI/1. Roma: Città Nuova, c1995 [Testo latino dell’edizione Maurina confrontato con il Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum], p. 36).

<sup>23</sup> Cf. Cristofolletti (2015), onde são analisados, na seguinte ordem, o *De uera religione*, o *Sermo 214*, o *De fide et symbolo*, a *Enarratio in Psalmo 1*, a *Enarratio in Psalmo 7* e o *Sermo 252*.

<sup>24</sup> Em sentido estrito, cf. nota 20.

realizou para que a nossa salvação fosse restaurada, de modo que ‘o mediador entre Deus e os homens’ fosse ‘o homem Jesus Cristo’ [*Primeira epístola a Timóteo*, 2:5]”<sup>25</sup>. De fato, após Agostinho ter falado no início do primeiro livro acerca da relação geral entre fé e razão (i, 1 – iii, 6), depois sobre a fé católica acerca da Trindade (iv, 7 – v, 8) e sobre as noções gerais a respeito da essência da Trindade (vi, 9 – vi, 13), a quarta seção (vii, 14 – viii, 17) versa sobre a manifestação da Trindade no tempo, pois é pela encarnação do Filho de Deus que se pode compreender primeiramente por que “o Pai é maior que o Filho”<sup>26</sup> mesmo se o Filho é “igual ao Pai”<sup>27</sup> enquanto “substância sempiterna”<sup>28</sup>. Sem a crença na historicidade da encarnação do Verbo não seria possível, portanto, uma compreensão mais completa a respeito de Deus, e é esse mesmo fundamento que Boécio enfatiza naquela primeira frase do *De fide catholica*.

O segundo vestígio do agostinianismo da fundamentação boeciana da fé cristã é que o resumo da profecia e da história concernente à Trindade, feito por Agostinho no primeiro livro do *De Trinitate*, é semelhante ao de Boécio no *De fide catholica*. Agostinho diz o seguinte:

Não é a Trindade mesma, todavia, que nasceu da virgem Maria, foi crucificada e sepultada sob Pôncio Pilatos, que ressuscitou ao terceiro dia e subiu ao Céu, mas apenas o Filho. Nem é a Trindade mesma, todavia, que desceu na forma de pomba sobre Jesus Cristo, ou que, no dia de Pentecostes, depois da ascensão do Senhor, com um som produzido “do céu, como se fosse um vento impetuoso” [*Atos dos apóstolos*, 2:2], com distintas línguas “como que de fogo” [*At.*, 2:3], pousou sobre cada um daqueles [apóstolos], mas apenas o Espírito Santo. Nem é a mesma Trindade que disse do céu “Tu és o meu Filho” [*Evangelho segundo Marcos*, 1:11; *Lc.*, 3:21], seja quando [Jesus] foi batizado por João, seja quando na montanha estavam com ele os três discípulos, ou que, quando soou uma voz, diz “E glorifiquei e ainda glorificarei” [*Jo.*, 12:28], mas apenas a voz do Pai que foi proferida para o

<sup>25</sup> *De Trinitate*, I, vii, 14. “[...] multa in sanctis Libris propter incarnationem Verbi Dei, quae pro salute nostra reparanda facta est ut mediator Dei et hominum esset homo Christus Iesus [...]” (SANT’AGOSTINO, 1987[c1973], p. 26). Essa fundamentação bíblica do primeiro livro do *De Trinitate* é enfatizada pelo próprio Agostinho em sua recapitulação final: “No primeiro livro, foi mostrada a unidade e a igualdade daquela suprema Trindade segundo as *Escrituras Sagradas*.” (*De Trinitate*, XV, iii, 5). “*In primo libro secundum Scripturas sacras unitas et aequalitas summae illius Trinitatis ostenditur.*” (SANT’AGOSTINO, 1987[c1973], p. 620).

<sup>26</sup> “*maius Filio Pater*” (*De Trinitate*, I, vii, 14), pois, como diz Agostinho, “[...] está escrito que o próprio Senhor [Jesus] diz: ‘o Pai é maior que eu’ [*Evangelho segundo João*, 14:28].” (*De Trinitate*, I, vii, 14). “[...] scriptum est ipso Domino dicente: Pater maior me est.” (SANT’AGOSTINO, 1987[c1973], p. 26).

<sup>27</sup> “*aequalis Patri*” (*De Trinitate*, I, vii, 14), expressão cuja base bíblica é *Fl.*, 2:6, versículo citado por Agostinho no mesmo parágrafo 14. “[...] porque Jesus Cristo, que embora fosse constituído da forma divina, não considerou uma conquista a sua igualdade com Deus, mas esvaziou a si mesmo aceitando a forma de servo à semelhança dos homens [...]” (*Fl.*, 2:5-7). “[...] quod et Christus Iesus:<sup>5</sup> qui cum in forma Dei esset, non rapinam arbitratus est esse se aequalem Deo<sup>6</sup> sed semet ipsum exinaniuit formam serui accipiens, in similitudinem hominum [...]” (BIBLIORUM, 1751, vol. III, p. 817).

<sup>28</sup> “*substantia sempiterna*” (*De Trinitate*, I, vii, 14).

Filho, embora o Pai, o Filho e o Espírito Santo, assim como são inseparáveis, operem inseparavelmente.<sup>29</sup>

Nesse sentido, é notável como Boécio percorre, no *De fide catholica* (183-203), o mesmo caminho agostiniano de fundamentação histórico-profética da fé trinitária e, mais do que isso, de toda a fé católica (51-262). É principalmente pela crença na história da encarnação do Verbo divino que se obtém uma compreensão mais completa do que seja Deus Pai, Filho e Espírito Santo:

E já nos últimos tempos, Deus instituiu nascer não profetas, nem outros homens agradáveis a si, mas o seu próprio Unigênito pela virgem, de modo que a salvação humana, que se perdera por causa da desobediência do primeiro homem, fosse recuperada pelo Homem-Deus, e como havia uma mulher que tinha antes persuadido o homem, houve essa segunda mulher que, pelas vísceras, trouxe aos homens a causa da vida. E que não pareça vil o Filho de Deus ter nascido da virgem, pois foi concebido e parido diferentemente do modo da natureza. Assim, a virgem concebeu do Espírito Santo o Filho de Deus encarnado, a virgem pariu e permaneceu virgem depois do parto. E o Filho feito do homem é o mesmo Filho de Deus, de modo que nele assim irradiasse o esplendor da natureza divina e aparecesse a assunção da fragilidade humana.<sup>30</sup>

Em segundo lugar, parece haver certo agostinianismo na reflexão de Boécio acerca da relação entre fé e razão. Ele diz no *Quomodo Trinitas* (vi)<sup>31</sup> que os “argumentos” (*argumenta*), ou seja, as razões, são apenas “auxílios” (*adiumenta*) à crença religiosa, pois a

<sup>29</sup> *De Trinitate*, I, iv, 7. “*Non tamen eandem Trinitatem natam de uirgine Maria et sub Pontio Pilato crucifixam et sepultam tertio die resurrexisset et in caelum ascendisset, sed tantummodo Filium. Nec eandem Trinitatem descendisset in specie columbae super Iesum baptizatum, aut die Pentecostes post ascensionem Domini sonitu facto de caelo quasi ferretur flatus uehemens et linguis diuisis uelut ignis sedisse super unumquemque eorum, sed tantummodo Spiritum Sanctum. Nec eandem Trinitatem dixisset de caelo: Tu es Filius meus, siue cum baptizatus est a Iohanne siue in monte quando cum illo erant tres discipuli, aut quando sonuit uox dicens: Et clarificaui et iterum clarificabo, sed tantummodo Patris uocem fuisse ad Filium factam quamuis Pater et Filius et Spiritus Sanctus sicut inseparabiles sunt, ita inseparabiliter operentur.*” (SANT’AGOSTINO, 1987[c1973], p. 16). Quanto às referências bíblicas implícitas nessa narração de Agostinho que retoma a história e a profecia relativas à Trindade, cf. *Mt.*, 1:18-25; *Lc.*, 1-2 sobre o nascimento de Jesus; sobre a crucificação e ressurreição, cf. *Mt.*, 27:32-28:1-15; *Mc.*, 15:21-16:8; *Lc.*, 23:26-24:12; *Jo.*, 19:17-20:18; sobre a ascensão ao Céu, cf. *At.*, 1:1-11; sobre o batismo, cf. *Mt.*, 3:13-17; *Mc.*, 1:9-11; *Lc.*, 3:21-22; sobre a transfiguração de Jesus na presença dos três discípulos, Pedro, Tiago e João, cf. *Mt.*, 17:1-13; *Mc.*, 9:2-13; *Lc.*, 9:28-36; e sobre a profecia do próprio Jesus a respeito de sua morte na cruz e de sua ressurreição, cf. *Jo.*, 12:20-36.

<sup>30</sup> *De fide catholica*, 183-197. “*Atque iam in ultimis temporibus non prophetas neque alios sibi placitos sed ipsum unigenitum suum Deus per uirginem nasci constituit, ut humana salus quae per primi hominis inobedientiam deperierat per hominem deum rursus repararetur et, quia exstiterat mulier quae causam mortis prima uiro suaserat, esset haec secunda mulier quae uitae causam humanis uisceribus apportaret. Nec uile uideatur quod Dei Filius ex uirgine natus est, quoniam praeter naturae modum conceptus et editus est. Virgo itaque de Spiritu sancto incarnatum Dei Filium concepit, uirgo peperit, post eius editionem uirgo permansit; atque hominis factus est idemque Dei Filius, ita ut in eo et diuinae naturae radiaret splendor et humanae fragilitatis appareret assumptio.*” (BOÉCIO, c2005, p. 274).

<sup>31</sup> Cf. nota 10.

religião já está “firmíssima em virtude dos fundamentos da fé” (*fidei fundamentis sponte firmissimae*), os quais só podem ser, em conformidade com o *Utrum Pater*, os “fundamentos da fé católica” (*catholicae fidei fundamenta*), que são o começo de qualquer “inquirição” (*indago*) que se queira “de acordo com a fé” (*ex fide*), como já foi visto por meio do estudo de Trapè (cf. notas 7-8). Isso já aparecia, é verdade, no *De Trinitate* de Agostinho: se é preciso que a “incompetente agudeza da mente humana”<sup>32</sup> “seja revigorada uma vez nutrida pela ‘justiça da fé’ [Rm., 4:13]”<sup>33</sup>, é porque isso permite “[...] dar a razão de que a Trindade seja um só Deus único e verdadeiro, e dela corretamente seja dito, crido e entendido o Pai, o Filho e o Espírito Santo dessa mesma substância ou essência única [...]”<sup>34</sup>

Contudo, até mesmo as pessoas dotadas de certa fé e autoridade podem se inclinar a uma “falsa ciência” (*falsa scientia*) quando pretendem compreender racionalmente as suas crenças, como diz Boécio no próêmio do *Contra Eutychen et Nestorius*, ao lembrar a atitude dos eutiqueanos em um dos concílios regionais convocados por Símaco, bispo de Roma entre 499 e 514<sup>35</sup>. É principalmente contra os “indoutos” (*indocti*), portanto, que a fé jamais deve dispensar a razão. Essa característica, porém, também é assumida pelo próprio Boécio, pois ele frisa no final do tratado (90-1) que, se pensou algo “incorretamente” (*perperam*), ele mesmo iria “preferir uma opinião melhor” (*meliori sententiae anteferre*). Essas atitudes implicam e demonstram, portanto, a recomendação preceituada no *Utrum Pater* (65), a de “conjuguar a fé e a razão” (*fidem rationemque coniungere*).

Ora, há também um agostinianismo nessas atitudes descritas por Boécio, pois Agostinho diz no *De Trinitate* (I, i, 3) que a fé nutre os intelectos para que se tornem “aptos e hábeis para compreender” (*ad capiendum apti et habiles*) o que é “difícil” (*difficile*) e “inefável” (*ineffabile*), aquilo que os homens “carnais” e até mesmo os “pequenos em Cristo” (*paruuli in Christo*)<sup>36</sup>, “embora já renascidos pela graça” (*quamuis iam gratia eius renati*), “não são capazes de compreender” (*capere non posse*). Mas Agostinho também vê em si

<sup>32</sup> “*mentis humanae acies inualida*” (*De Trinitate*, I, ii, 4).

<sup>33</sup> “*per iustitiam fidei nutrita uegetetur*” (*De Trinitate*, I, ii, 4). Para Agostinho, a fé contém certa justiça própria porque, de modo análogo, Paulo disse na *Epístola aos Romanos* (4:13) que foi em virtude da fé de Abraão que Deus então prometeu a este a herança do mundo.

<sup>34</sup> *De Trinitate*, I, ii, 4. “[...] *reddere rationem, quod Trinitas sit unus et solus et uerus Deus, et quam recte Pater et Filius et Spiritus Sanctus unius eiusdemque substantiae uel essentiae dicatur, credatur, intellegatur [...]*” (SANT’AGOSTINO, 1987[c1973], p. 10).

<sup>35</sup> MERLE, 1991, p. 45.

<sup>36</sup> Essa expressão utilizada por Agostinho provém de Paulo, *Primeira epístola aos Coríntios*, 3:1.

mesmo, e não apenas nos ignorantes, que a mente humana é “incompetente”<sup>37</sup>, e por isso deseja que a sua razão e a do seu leitor, se ambas estiverem apoiadas na fé, disputem pelo melhor entendimento: “[...] onde [o leitor] igualmente hesita, busque comigo; onde reconhece seu erro, retorne a mim, onde reconhece o meu, chame-me de volta.”<sup>38</sup> Com efeito, no livro nono se lê que toda “intenção” (*intentio*), como o desejo de compreender, só é “reta” (*recta*) quando “procede da fé” (*proficiscitur a fide*), ou seja, da “fé correta” (*certa fides*), pois é essa que “inicia a cognição” (*inchoat cognitionem*; *De Trinitate*, IX, i, 1).<sup>39</sup> De fato, até mesmo a *scientia*, que diferentemente da “sabedoria” (*sapientia*) se refere às coisas temporais<sup>40</sup>, não está separada da fé, pois do contrário não haveria nenhuma *cognitio historica*, como se nota pelo livro XIII: “[...] era preciso, de qualquer modo, de fé, com a qual se acreditasse no que não se via.”<sup>41</sup>

Em terceiro lugar, pode-se constatar certo agostinianismo na ideia boeciana de mistério. No *De fide catholica*, Boécio já reconhecia que, em relação ao modo como o Espírito Santo procede do Pai e do Filho, “não podemos dizer com evidência o que seja”<sup>42</sup>, assim como, em relação ao modo de geração do Filho pelo Pai, “o intelecto humano não pode aquilatar-lo”<sup>43</sup>. No *Quomodo Trinitas*, ele diz: “Convém ser buscado por nós apenas quanto o olhar da razão humana pode se elevar à altura da divindade.”<sup>44</sup> De fato, se até mesmo nas disciplinas “é instituído como que certo limite, até onde a via da razão pode chegar”<sup>45</sup>, isso também deve ocorrer na reflexão sobre a Trindade, que é uma “questão mais difícil”<sup>46</sup>.

<sup>37</sup> “inualida” (*De Trinitate*, I, ii, 4).

<sup>38</sup> *De Trinitate*, I, iii, 5. “[...] ubi pariter haesitat, quaerat mecum; ubi errorem suum cognoscit, redeat ad me; ubi meum, reuocet me.” (SANT’AGOSTINO, 1987[c1973], p. 12). O reconhecimento de que a mente humana é incompetente reaparece no livro nono: “E para que alguém não se alegre temerariamente de ter como que compreendido, é dito: ‘Buscai sempre a sua face’ [Salmo, 104:4].” (*De Trinitate*, IX, i, 1). “*Et ne quisquam se tamquam apprehendisse temere gaudeat: Quaerite, inquit, faciem eius semper.*” (SANT’AGOSTINO, 1987[c1973], p. 362).

<sup>39</sup> Já no livro oitavo Agostinho havia estabelecido uma “regra” (*regula*) para o “entendimento” (*intellectus*) da Trindade, a “de que, com a firmeza da fé, não seja dispensado aquilo que ainda não tiver reluzido ao nosso intelecto” (*ut quod intellectui nostro nondum eluxerit a firmitate fidei non dimittatur*; *De Trinitate*, VIII, i, 1).

<sup>40</sup> Essa distinção é o tema do livro XII.

<sup>41</sup> *De Trinitate*, XIII, i, 2. “[...] fide utique opus erat, qua crederetur quod non uideretur.” (SANT’AGOSTINO, 1987[c1973], p. 504).

<sup>42</sup> “qui sit... non possumus euidenter dicere” (*De fide catholica*, 24-5).

<sup>43</sup> “non potest humanus animus aestimare” (*De fide catholica*, 26-7).

<sup>44</sup> *Quomodo Trinitas*, Prooemium. “Sane tantum a nobis quaeri oportet quantum humanae rationis intuitus ad diuinitatis ualet celsa conscendere.” (BOÉCIO, c2005, p. 311).

<sup>45</sup> “quasi quidam finis est constitutus, quousque potest uia rationis accedere” (*Quomodo Trinitas*, Prooemium).

<sup>46</sup> “difficilior quaestio” (*Quomodo Trinitas*, Prooemium).

Agostinho também utiliza o adjetivo *difficile* para se referir à compreensão da Trindade: “é difícil intuir e conhecer plenamente” (*intueri et plene nosse difficile est; De Trinitate*, I, i, 3), pois Paulo já dizia que o homem terreno vê “por espelho, em enigma” (*per speculum in aenigmate; 1Cor.*, 13:12), como lembra Agostinho no livro V (i, 1). De fato, quanto ao conhecimento da Trindade, deve-se evitar a “impudência” (*impudentia*) e buscar a “piedade sincera” (*pietas sincera*), pois é esta que impedirá a “arrogância” (*arrogantia; De Trinitate*, V, i, 1). No livro IX, Agostinho também cita o *Eclesiástico*: “[...] quando o homem tiver terminado, então ele começará [*Eclo.*, 18:6]”<sup>47</sup>.

Em quarto lugar, há também matizes agostinianos na postura desinteressada de Boécio nos *Opuscula sacra*. No *De fide catholica*, Boécio já havia notado que “muitos falaram contra” (*aduersa locuti sunt*) a religião católica “pensando humanamente e carnalmente coisas diferentes”<sup>48</sup>. É por isso que, no próêmio *Quomodo Trinitas*, ele frisa que “não é pela jactância da fama nem pelos vãos clamores do vulgo” (*neque famae iactatione et inanibus uulgi clamoribus*) que escreve. Ele quer se manter livre de interesses, estar distante tanto da “covarde inércia” (*ignaua segnitie*) quanto da “astuciosa inveja” (*callidus liuor*), esta que originou tanta “contumélia” (*contumelia*) aos “tratados sobre Deus” (*tractatus diuini*). Aliás, é para evitar qualquer novo conflito que ele deixa claro, no *De hebdomadibus* (10), que prefere não compartilhar o conteúdo do opúsculo com aqueles que padecem de “lascívia e frivolidade” (*lasciuia ac petulantia*).

De modo parecido falava Agostinho acerca dos homens vulgares e dos vaidosos. Ele comenta no segundo livro do *De Trinitate* que, embora se deva “ser indulgente com aqueles que erram na investigação de tamanho segredo” (*ignoscere errantibus in tanti peruestigatione secreti*), há dois tipos de vícios que “muito dificilmente são tolerados” (*difficillime tolerantur*): “[...] a presunção, antes que a verdade esteja patente e, quanto já se tornou patente, a defesa da falsidade presumida.”<sup>49</sup> Mas o interessante é que Agostinho também oferece um remédio específico para aqueles que padecem desses dois vícios: o que lhes falta não é apenas a “descoberta da verdade” (*inuentio ueritatis*) acerca da Trindade, mas “inquirir ou por meio das *Escrituras* ou por meio da criação” (*inquirere siue per Scripturam eius siue*

<sup>47</sup> *De Trinitate*, IX, i, 1.

<sup>48</sup> “*carnaliter sentientes aduersa*” (*De fide catholica*, 30).

<sup>49</sup> *De Trinitate*, II, i, 1. “[...] *praesumptio priusquam ueritas pateat, et cum iam patuerit praesumptae defensio falsitatis.*” (SANT’AGOSTINO, 1987[c1973], p. 68).

*per creaturam*; *De Trinitate*, II, i, 1). Eis o método que, segundo Agostinho, afastaria tanto a presunção quanto a teimosia interesseira.

Por fim, parece haver vestígios de agostinianismo naquilo que se poderia chamar de “misticismo” de Boécio ou, para usar uma expressão mais adequada, de reflexão boeciana acerca da oração e da purificação da alma humana. No *De fide catholica*, Boécio diz que, por causa da “pena eterna”<sup>50</sup> imposta ao “gênero humano”<sup>51</sup> por causa do “primeiro prevaricador”<sup>52</sup>, ou seja, Adão (*Gênesis*, 3:21-24), tem-se como consequência que o homem só pode ser salvo pela “dom da graça” (*gratiae donum*)<sup>53</sup>, graça que por conseguinte nunca é, como o próprio nome indica, “concedida por mérito”<sup>54</sup>. Essa graça se expressa, sobretudo, nos “sacramentos” (*sacramenta*)<sup>55</sup>, que são como que “medicamentos” (*medicinalia*) oferecidos por Deus. A graça necessária para compreender a Trindade através da “mente” (*mens*), porém, recebe um nome específico: “luz divina” (*lux diuina*), conforme o proêmio do *Quomodo Trinitas*. Todavia, o reconhecimento da necessidade da graça acarreta um efeito na tentativa humana de compreender a Deus. De fato, no proêmio do *Contra Eutychem et Nestorium*, Boécio diz que procurava “meditar” (*meditare*) em seu espírito a questão cristológica mediante a “reiteração de uma frequente consulta” (*frequentis consilii iteratione*), ou seja, de uma consulta à Verdade (*Veritas*), que é o próprio Cristo, aquele que pode conceder a graça da iluminação.

Ora, de modo muito semelhante ao que diz Boécio, Agostinho declara no primeiro livro do *De Trinitate* que pretende “meditar” (*meditare*), tal como o salmista Davi, “na lei do Senhor” (*in lege Domini*; *Salmos*, 62:7), e de modo correto, ou seja, reconhecendo a necessidade de receber uma inspiração divina:

[...] esperando da misericórdia de Deus que me faça perseverante em todas as coisas verdadeiras que para mim são certas; ‘se, porém, o que sei é diferente, isso mesmo a mim revelará’ [*Fl.*, 3:15], seja por inspirações e admoestações ocultas, seja por uma voz manifesta, seja por conversas fraternais. Peço isso [...]<sup>56</sup>

<sup>50</sup> “*aeterna poena*” (*De fide catholica*, 222-3).

<sup>51</sup> “*humanum genus*” (*De fide catholica*, 221).

<sup>52</sup> “*primo praeuaricator*” (*De fide catholica*, 222).

<sup>53</sup> *De fide catholica*, 226.

<sup>54</sup> “*meritis attributa*” (*De fide catholica*, 228).

<sup>55</sup> Certamente o batismo e a eucaristia.

<sup>56</sup> *De Trinitate*, I, iii, 5. “[...] *sperans de misericordia Dei, quod in omnibus ueris quae certa mihi sunt perseuerantem me faciet; si quid autem aliter sapio, id quoque mihi ipse reuelabit siue per occultas inspirationes atque admonitiones siue per manifesta eloquia sua siue per fraternas sermocinationes. Hoc oro [...]*” (SANT’AGOSTINO, 1987[c1973], p. 14). Cf. nota 16.

Que o êxito da meditação dependa da misericórdia e da providência de Deus, isso é explicado por Agostinho, porém, no quarto livro, sobretudo pelo fato de que “fomos exilados da alegria imutável”<sup>57</sup>, pena que foi imposta por Deus ao gênero humano em decorrência do primeiro pecado: “A via para a morte nos foi aberta pelo pecado, em Adão: ‘Por um único homem o pecado certamente entrou no mundo, e pelo pecado a morte, e assim passou a todos os homens, no qual todos pecaram’ [Rm., 5:12].”<sup>58</sup> Apesar disso, Deus “nos aperfeiçoa” (*perficit nos*) pela “graça”, como diz Agostinho se apoiando na *Segunda epístola aos Coríntios*, onde Paulo relata que Deus lhe teria dito: “A ti é suficiente a minha graça, pois a virtude é aperfeiçoada na fraqueza.”<sup>59</sup> Ademais, outra característica boeciana que já se encontra em Agostinho é a de que, no processo de conhecimento, a graça é chamada principalmente de “iluminação” (*illuminatio*): “Nossa iluminação é certamente uma participação no Verbo, obviamente naquela vida que ‘é a luz dos homens’ [Jo., 1:4].”<sup>60</sup> Para Agostinho, é necessário, de fato, que a própria luz do Verbo divino ilumine a mente humana, maculada pela “imundícia dos pecados” (*immunditia peccatorum*), mas é preciso notar que foi pelo mistério ou sacramento do derramamento do sangue de Cristo que isso se tornou plenamente possível:

Ora, a purificação dos iníquos e dos soberbos é o “sangue do Justo” [Mt., 27:4] e a humildade de Deus, de modo que, para contemplar a Deus, o qual não somos por natureza, fôssemos purificados por aquele que se fez o que somos por natureza e o que não somos pelo pecado.<sup>61</sup>

Ora, assim como Boécio, Agostinho já sustentava que essa purificação iluminadora, que possui como causa o sacramento do sangue de Cristo, tem como efeito, porém, uma intimidade com a Verdade, a qual só existe no interior do homem espiritual e renovado, que já deixou de ser carnal:

<sup>57</sup> “*exsultauimus ab incommutabili gaudio*” (*De Trinitate*, IV, i, 1).

<sup>58</sup> *De Trinitate*, IV, xii, 15. “*Via nobis fuit ad mortem per peccatum in Adam: Per unum quippe hominem peccatum intrauit in mundum, et per peccatum mors, et ita in omnes homines pertransiit in quo omnes peccauerunt.*” (SANT’AGOSTINO, 1987[c1973], p. 200).

<sup>59</sup> 2Cor., 12:9, conforme a citação feita por Agostinho (*De Trinitate*, IV, i, 2): “*Sufficit tibi gratia mea; nam uirtus in infirmitate perficitur.*” (SANT’AGOSTINO, 1987[c1973], p. 176).

<sup>60</sup> *De Trinitate*, IV, ii, 4. “*Illuminatio quippe nostra participatio Verbi est, illius scilicet uitae quae lux est hominum.*” (SANT’AGOSTINO, 1987[c1973], p. 180).

<sup>61</sup> *De Trinitate*, IV, ii, 4. “*Porro iniquorum et superborum una mundatio est sanguis iusti et humilitas Dei, ut ad contemplandum Deum quod natura non sumus per eum mundaremur factum quod natura sumus et quod peccato non sumus.*” (SANT’AGOSTINO, 1987[c1973], p. 180).

É “dentro” que se realiza, pois, o que diz o mesmo Apóstolo [, Paulo]: “Despi, vós, o homem velho e vesti o novo” [*Epístola aos Efésios*, 4:24]. E explica isso na sequência: “Por isso, falai a verdade, despojando-vos da mentira” [*Ef.*, 4:25]. Onde, porém, despoja-se a mentira senão dentro, de modo que habite “no monte santo” de Deus aquele “que fala a verdade no coração” [*Sal.*, 14:1-2] seu?<sup>62</sup>

Mas como o homem não ilumina a si mesmo, pois é a própria Verdade, o Cristo, que leva luz à mente humana, Agostinho enfatiza no livro V (i, 1), muito mais do que Boécio, a importância de “pedir o auxílio” (*adiutorium precari*) divino, sobretudo para tentar compreender as relações trinitárias, “para entendê-las e explicá-las” (*ad intellegenda atque explicanda*). Embora essa prece agostiniana seja recorrente e possa ser encontrada até mesmo em pequenas expressões dispersas em muitos lugares do *De Trinitate*, a sua ocorrência no primeiro parágrafo do livro VIII é memorável:

[...] a Deus se deve suplicar com a mais devota piedade para que abra o intelecto e assuma o estudo da controvérsia, por meio do qual a essência da verdade possa ser discernida com a mente, sem nenhuma matéria, sem nenhuma mutabilidade.<sup>63</sup>

Além disso, Agostinho desenvolve no livro IX uma fundamentação bíblica da oposição entre a presunção e a oração<sup>64</sup>, que desemboca na seguinte reiteração do valor da prece:

<sup>62</sup> *De Trinitate*, IV, iii, 6. “Intus namque agitur quod idem Apostolus dicit: Exuite uos ueterem hominem et induite nouum. Quod ita consequenter exponit: Quapropter deponentes mendacium loquimini ueritatem. Ubi autem deponitur mendacium nisi intus ut inhabitet in monte sancto Dei, qui loquitur ueritatem in corde suo?” (SANT’AGOSTINO, 1987[c1973], p. 184).

<sup>63</sup> *De Trinitate*, VIII, i, 1. “[...] Deoque supplicandum deuotissima pietate ut intellectum aperiat et studium contentionis absumat quo possit mente cerni essentia ueritatis, sine ulla mole, sine ulla mutabilitate.” (SANT’AGOSTINO, 1987[c1973], p. 326).

<sup>64</sup> “E o Apóstolo [Paulo] diz: “Se alguém julga saber algo, ainda não sabe de qual modo convém saber. Cada um que ama a Deus, esse é conhecido por este” [*ICor.*, 8:3]. Desse modo, certamente não disse ‘conheço’, o que é uma perigosa presunção, mas “é conhecido por este”. Assim também, quando havia dito em outro lugar “Agora, porém, que vós conheceis a Deus”, logo se corrige: “ou melhor, sois conhecidos”, diz, “por Deus” [*Epístola aos Gálatas*, 4:9]; mas principalmente neste lugar: “Irmãos, não julgo que apreendi isso, mas uma só coisa: esquecendo das coisas que estão atrás e tendendo para aquelas que estão diante de mim, persigo segundo a intenção o prêmio superior da vocação de Deus em Cristo Jesus. Portanto, que nós saibamos, todos perfeitos, disso” [*Fl.*, 3:13-15]”. (*De Trinitate*, IX, i, 1). “*Et Apostolus: Si quis se, inquit, putat aliquid scire, nondum scit quemadmodum scire oporteat. Quisquis autem diligit Deum, hic cognitus est ab illo. Nec sic quidem dixit: “Cognouit illum”; quae periculosa praesumptio est; sed: Cognitus est ab illo. Sic et alibi cum dixisset: Nunc autem cognoscentes Deum; statim corrigens: immo cogniti, inquit, a Deo. Maximeque illo loco: Fratres, inquit, ego me ipsum non arbitror apprehendisse; unum autem, quae retro oblitus, in ea quae ante sunt extentus secundum intentionem sequor ad palmam supernae uocationis Dei in Christo Iesu. Quotquot ergo perfecti hoc sapiamus.*” (SANT’AGOSTINO, 1987[c1973], p. 362).

Busquemos, porém, entender isso [a essência única da Trindade], pedindo o auxílio daquele mesmo que queremos entender e, o quanto nos é concedido, [busquemos] explicar o que entendemos desejando bastante cuidado e pia solicitude, de modo que também, se dizemos uma coisa diferente no lugar de outra, nada digamos, todavia, de indigno.<sup>65</sup>

O mesmo se encontra no último parágrafo do livro XV, que é o fecho do tratado em forma de uma extensa prece. Dentre tantas frases, nota-se, tanto pela eloquência quanto pela acuidade, o seguinte trecho:

Diante de ti está a minha firmeza e a minha fraqueza: conserva aquela, cura esta. Diante de ti está a minha ciência e a minha ignorância: onde me abriste, recebe-me quando eu entrar; onde me fechaste, abra-me quando eu bater.<sup>66</sup>

Todos esses vestígios parecem indicar, portanto, que é provável a hipótese da pesquisa, ou seja, de que haja certo agostinianismo no método “desinteressado” e até “místico” de Boécio nos *Opuscula sacra*, que é a “conjugação” da fé com a razão para a compreensão do “mistério” trinitário e cristológico, como sugeriu Trapè ao propor essas quatro características do método boeciano. Além disso, pelos indícios apresentados, parece provável, ao contrário do que pensou Trapè, que nos *Opuscula sacra* a fé não seja somente um ponto de partida para o exercício especulativo, mas também o fundamento bíblico e, antes disso, histórico-profético de uma adequada inquirição acerca da fé cristã. Esse agostinianismo de Boécio não significa, porém, que nos *Opuscula sacra* não haja distanciamentos de teses do *De Trinitate*, de modo que, quando constatados, serão devidamente analisados e discutidos para matizar a hipótese do Projeto.

## 5 Resultados esperados

A expectativa é de que a análise minuciosa dos *Opuscula sacra* de Boécio e do *De Trinitate* de Agostinho possa confirmar a hipótese de pesquisa, apresentada na Seção 4. Além disso, espera-se aumentar a discussão sobre o tema abordado e fortalecer a interação com os

<sup>65</sup> *De Trinitate*, IX, i, 1. “*Quaeramus hoc autem intellegere, ab eo ipso quem intellegere uolumus, auxilium precantes, et quantum tribuitur quod intellegimus explicare tanta cura et sollicitudine pietatis cupientes, ut etiam si aliquid aliud pro alio dicimus, nihil tamen dicamus indignum.*” (SANT’AGOSTINO, 1987[c1973], p. 364).

<sup>66</sup> *De Trinitate*, XV, xxviii, 51. “*Coram te est firmitas et infirmitas mea; illam serua, istam sana. Coram te est scientia et ignorantia mea: ubi mihi aperuisti, suscipe intrantem; ubi clausisti, aperi pulsanti.*” (SANT’AGOSTINO, 1987[c1973], p. 718).

especialistas da área e com os membros do grupo de pesquisa CEPAME, conforme foi proposto na Seção 1.

## **6 Método de pesquisa**

Inicialmente será realizada a leitura minuciosa da bibliografia primária e a anotação de passagens e termos filosóficos relacionados de forma direta com a questão e a hipótese de pesquisa. Em seguida, será realizada a leitura e a anotação da bibliografia secundária, bem como a continuação da procura de eventuais artigos, ensaios ou livros que sejam de interesse, sobretudo pela rede internacional de bibliotecas à qual a Biblioteca da FFLCH é conveniada.

## **7 Cronograma de execução da pesquisa**

O período total para a realização da pesquisa é de 12 meses, de 1º de maio de 2016 a 30 de abril de 2017, distribuído em três etapas:

1ª etapa	01/05/2016 – 31/07/2016	Leitura e anotação da bibliografia primária
2ª etapa	01/08/2016 – 31/10/2016	Leitura e anotação da bibliografia secundária
3ª etapa	01/11/2016 – 30/04/2017	Redação de artigos ou livro para disseminação dos resultados da pesquisa

## **8 Disseminação e avaliação**

A disseminação da pesquisa e de seus resultados será realizada por meio de propostas de apresentação ou comunicação em congressos, simpósios, seminários ou encontros especializados, ou ainda de curso de difusão (extensão universitária), bem como pela submissão de artigos para publicação em periódico científico especializado e de alto fator de impacto, ou de livro para publicação em editora tradicional da área. A avaliação será feita, sobretudo, pelo supervisor do projeto e pelo Departamento de Filosofia da FFLCH, que julgará o relatório final da pesquisa, mas os resultados dela também serão avaliados por

pareceristas de periódicos científicos e por colegas presentes nos congressos, simpósios e encontros acima mencionados, principalmente nos seminários do CEPAME.

## 9 Bibliografia

### Primária

BOËCE. *Cours traités de théologie. Opuscula sacra*. Paris: Cerf, 1991.

\_\_\_\_\_. *Traité théologique*. Paris: Flammarion, c2000. Introdução, tradução, cronologia, bibliografia e notas feitas por Axel Tisserand; edição bilíngue.

BOÉCIO. *Escritos*. São Paulo: Martins Fontes, c2005. Tradução, notas e introdução de J. Savian Filho, com o texto latino da edição crítica dos *Opuscula* preparada por Claudio Moreschini e publicada no ano 2000, pela Editora K. G. Saur, de Leipzig e Munique (Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana).

BOETHIUS. *The Theological Tractates*. London: W. Heinemann; New York: G.P. Putnam's Sons, 1918, p. IX-XIV. Introdução, tradução e notas de H. F. Rand e E. K. Stewart, disponível em: <http://www.ccel.org/ccel/boethius/tracts.html>.

BOETIUS, A. M. S. *Philosophiae consolationis libri quinque accedunt eiusdem atque incertorum opuscula sacra*. Leipzig: Teubner, 1871. Edição de Rudolph Peiper.

SANT'AGOSTINO. *La Trinità*. Roma: Città Nuova, 1987[c1973] (Opere di Sant'Agostino. Nuova Biblioteca Agostiniana). "Testo latino dell'edizione maurina confrontato con l'edizione del Corpus Christianorum". Introdução de M. F. Sciacca e A. Trapè, tradução de Giuseppe Beschin.

\_\_\_\_\_. *La vera religione, VI/1*. La vera religione. Utilità del credere. La fede e il simbolo. La fede nelle cose che non si vedono. Roma: Città Nuova, c1995 (Opere di Sant'Agostino. Nuova Biblioteca Agostiniana). "Testo latino dell'edizione maurina confrontato con il Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum". Intr., trad. e notas de A. Pieretti.

Secundária

ATTI del Congresso Internazionale di Studi Boeziani, Pavia, 5-8 ottobre 1980, a cura di Luca Obertello. Roma: Herder, 1981.

BIBLIORUM Sacrorum Latinae Versiones Antiquae, seu Vetus Italica, et caeterae quaecumque in Codicibus mss. & antiquiorum libris reperiri potuerunt, quae cum Vulgata Latina, & cum Textu Graecu comparantur. Reims: R. Florentain, 1743, vol. II (Obra e estudo de Pièrre Sabatier).

\_\_\_\_\_. Paris: F. Didot, 1751, vol. III.

BRADSHAW, D. The *Opuscula sacra*: Boethius and theology. In: MARENBNON, J. (ed.). *The Cambridge Companion to Boethius*. New York: Cambridge University Press, 2009, pp. 106-128.

CRISTOFOLETTI, F. K. *História e profecia como fundamento filosófico-religioso em Agostinho, presbítero de Hipona*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015 (Tese de Doutorado em Filosofia).

FOLLON, J. Pérennité de Boèce, philosophe et théologien, *Revue Philosophique de Louvain*, Louvain, 1992, Editions de l'Institut Supérieur de Philosophie, t. 90, n° 86, pp. 192-205.

GALONNIER, A. (ed.) *Boèce ou la chaîne des savoirs. Actes du colloque international de la Fondation Singer Polignac*. Louvain-la-neuve, Leuven, Paris: Institut Supérieur de Philosophie, Peeters, 1984.

GIBSON, M. (ed.) *Boethius. His Life, Thought and Influence*. Oxford: Blackwell, 1981.

LLUCH-BAIXAULI, M. *Boezio. La ragione teologica*. Milão: Jaca Book, c1997.

MARENBNON, J. (ed.). *The Cambridge Companion to Boethius*. New York: Cambridge University Press, 2009.

MARENBNON, J. *Boethius*. New York: Oxford University Press, c2003.

MERLE, H. Introduction générale. In: BOËCE. *Cours traités de théologie. Opuscula sacra*. Paris: Cerf, 1991, pp. 11-21.

MILANI, M. *Boezio. L'ultimo degli antichi*. Milão: Camunia, c1994.

OBERTELLO, L. *Boezio e dintorni. Ricerche sulla cultura altomedievale*. Florença: Nardini, c1989.

RAND, H. F.; STEWART, E. K. Introduction. In: BOETHIUS. *The Theological Tractates*. London: W. Heinemann; New York: G.P. Putnam's Sons, 1918, p. IX-XIV.

SAVIAN FILHO, J. Introdução. In: BOÉCIO. *Escritos*. São Paulo: Martins Fontes, c2005, pp. 3-148.

SCHURR, V. *Die Trinitätslehre des Boethius im Lichte der 'Skythischen Kontroversen'*. Paderborn: Schöningh, 1935.

SCIACCA, M. F.; TRAPÈ, A. Introduzione. In: SANT'AGOSTINO. *La Trinità*. Roma: Città Nuova, 1987.

TISSERAND, A. Introduction. In: BOËCE. *Traité théologiques*. Paris: Flammarion, c2000, pp. 7-60.

\_\_\_\_\_. *Pars theologica: logique et théologique chez Boèce*. Paris: Vrin, 2008.

TRAPÈ, A. Boezio teologo e sant'Agostino. In: ATTI del Congresso Internazionale di Studi Boeziani, Pavia, 5-8 ottobre 1980, a cura di Luca Obertello. Roma: Herder, 1981, pp. 15-25.